



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Oliveira, Ebenézer A. de; Marin, Angela H.; Pires, Fábio B.; Frizzo, Giana B; Ravello, Tiago;
Rossato, Caroline
Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e
Comportamentos de Externalização e Internalização
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Available in: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815102>

- How to cite
- Complete issue
- More information about this article
- Journal's homepage in redalyc.org

redalyc.org

Scientific Information System
Network of Scientific Journals from Latin America, the Caribbean, Spain and Portugal
Non-profit academic project, developed under the open access initiative

Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeneracional, Atitude Conjugal Conflituosa e Comportamentos de Externalização e Internalização em Crianças

Ebenézer A. de Oliveira¹

Malone College, USA

Angela H. Marin

Fábio B. Pires

Giana B. Frizzo

Tiago Ravanello

Caroline Rossato

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Modelos mediativos de risco e proteção foram testados, para prever longitudinalmente comportamentos de externalização e internalização infantis, a partir de uma atitude conjugal conflituosa e de estilos parentais intergeracionais autoritário e democrático-recíproco. Proveniente de duas escolas particulares e uma pública, a amostra contou com 25 meninos e 25 meninas com 4 e 5 anos, e suas respectivas mães. Correlações bivariadas de Pearson e regressões múltiplas intergeracionais foram calculadas. O estilo autoritário materno previu tanto externalização quanto internalização, enquanto a atitude conjugal conflituosa previu apenas externalização. Embora significativo, o modelo aditivo não gerou efeitos longitudinais significativos para a internalização. Mas, ao se levar em conta a relação entre o estilo autoritário e a atitude conjugal conflituosa, efeitos significativos foram encontrados para ambos os fatores. A obtenção de resultados significativos apenas no modelo de risco e proteção, sob os pontos de vista teórico e metodológico.

Palavras-chave: Mediação; risco; proteção; estilos parentais; transmissão intergeracional.

Intergenerational Authoritarian and Authoritative Parenting Styles, Marital Attitude, and Externalizing and Internalizing Behaviors

Abstract

Mediational models of risk and protection were tested to predict longitudinally both externalizing and internalizing behaviors in young children, with conflicted marital attitude and transgenerational, authoritarian vs. authoritative parenting styles. Drawn from two private and one public schools, the sample consisted of 25 boys and 25 girls with 4 and 5 years old, and their respective mothers. Bivariate Pearson correlations and multiple regressions showed intergenerational transmission for authoritarian style, but not for the authoritative style, mediated by a conflicted attitude toward marriage. Although significant, the additive model did not yield significant effects for internalizing behavior. But when the relation between authoritarian parenting and conflicted marital attitude was taken into account, significant main effects were found for both factors on externalizing behavior. The finding concerning internalizing behavior in the risk model is discussed from both theoretical and methodological standpoints.

Keywords: Mediation; risk; protection; parenting styles; intergenerational transmission.

sonalidade e as atitudes e comportamentos específicos do indivíduo, na teoria de Allport (Hall & Lindzey, 1957).

O estudo sistemático dos estilos parentais autoritário vs. democrático-recíproco² como fatores de risco e proteção, respectivamente, remonta à pesquisa pioneira de Baldwin (1949), no Fels Institute, em Ohio, Estados Unidos. Baseado no trabalho de Lewin, Lippitt e White (1939), sobre estilos de liderança de grupo, Baldwin caracterizou o estilo parental democrático-recíproco pela tentativa amistosa de envolver ativamente a criança no processo decisório familiar, conforme o nível de desenvolvimento da criança. Já o estilo parental autoritário foi por este autor definido como invariavelmente impositivo e hostil ou insensível aos interesses e vontades da criança.

Baumrind (1971) retomou essa linha de pesquisa e, através da análise de conglomerados (*cluster analysis*) de dados observacionais e de atitudes auto-relatadas dos pais, acrescentou mais um estilo parental: o permissivo. Este estilo parental compreende a falta tanto de controle como de expectativas de uma conduta madura da criança. Contudo, conforme Baumrind admitiu, “as realidades empíricas requereram várias modificações nas definições operacionais dos padrões correspondendo mais de perto à definição prototípica dos pais permissivos” (p. 23), pois nenhum dos pais se enquadrava perfeitamente nessa classificação. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) desdobraram o estilo parental permissivo em negligente e indulgente, diferenciando-os pelo maior nível de envolvimento parental do segundo em relação ao primeiro.

As referidas pesquisas apontam para o estilo democrático-recíproco como catalisador do desenvolvimento da criança pré-escolar, em contraste com os demais estilos parentais, que acarretam risco desenvolvimental, especialmente quanto à conduta independente e empreendedora de meninas e a responsabilidade social (colaboração, receptividade, sensibilidade aos outros) de meninos (Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995). Contudo,

Uma outra questão que vem sendo explorada na literatura é a transmissão intergeracional da parentagem. Recentemente, um rico corpo de trabalhos empíricos embasados teoricamente discute sobre a transmissão entre gerações de práticas parentais abusivas (Kaufman & Zigler, 1989; Spera, 1991; Conger, Chyi-In, 1991) ou punitivas (Maccoby & Stollak, 1995) e de atitudes parentais de rejeição (Perris, Schlette & Adolfsson, 2000; Whitbeck, 2000). Conquanto o estilo autoritário englobe práticas e atitudes já investigadas, ainda há lacunas na intergeracionalidade do autoritarismo no estilo parental. Tampouco se tem pesquisado a continuidade intergeracional do estilo parental democrático-recíproco, já que a literatura mantém seu foco na transmissão de risco, com pouca atenção para a proteção. Embora se reconheça que o ciclo intergeracional da violência não é determinista (Oliveira, 1998; Rutter, 1997),

Entre as poucas exceções, destacamos o trabalho de Belsky, Youngblade e Pensky (1990), em que a relação conjugal se apresentou como um fator de proteção para mães cuja infância foi marcada pela rejeição e falta de apoio. No mesmo estudo, lembranças de rejeição e falta de apoio na infância refletiram negativamente na qualidade da relação materna para com a criança, quando a qualidade conjugal era baixa. Quando a qualidade conjugal era percebida como boa, quando a qualidade conjugal era percebida como positiva, as lembranças de rejeição ou falta de apoio não refletiram na emocionalidade materna. Essas descobertas sobre efeitos moderadores deixam em aberto o possível papel mediador que as atitudes e práticas da sua relação conjugal podem também exercer na transmissão intergeracional. Pois, é preciso que se especifique *quando*, mas, principalmente, *como* um determinado estilo parental prenuncia reincidente risco ou proteção para a segunda geração, que por sua vez refletirá no desenvolvimento social da criança, na terceira geração.

Telzrow & Oliveira, 1997; Crockenberg & Litman, 1990; Kopp, 1987), ao contrário do estilo parental permissivo, cuja frequência e relevância desenvolvimental se acentuam a partir da pré-adolescência (Maccoby, 1994; Pacheco, Teixeira e Gomes, 1999).

Os critérios desenvolvimentais aqui adotados representam classes empiricamente derivadas de comportamentos infantis descontrolados (exemplos de externalização: agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira, etc.) e excessivamente controlados (exemplos de internalização: retração social, ansiedade, depressão; Achenbach, 1991). Na literatura, medidas de externalização e/ou internalização vêm sendo cada vez mais usadas para determinar o grau de dificuldade no desenvolvimento social (Alvarenga, 2000; Maggi & Piccinini, 1998; Oliveira, 2000a). Esperávamos que o estilo autoritário se relacionasse positivamente com os

comportamentos de externalização, enquanto o estilo democrático-recíproco se relacionasse negativamente com essas mesmas variáveis. O período de quase 10 meses entre a primeira coleta inicial dos dados e a terceira correspondeu à transição para a adolescência. Parke (1993) apresenta como exemplo de transição para o ajuste social da criança, que ocorre durante o regime mais estruturado do que o anterior.

Testamos, ainda, neste estudo, a hipótese de que a transmissão intergeracional dos estilos parentais democrático-recíproco através de conflitos de risco e proteção, respectivamente, seria mais exploratória dessa parte do modelo. Os seguintes modelos hipotéticos

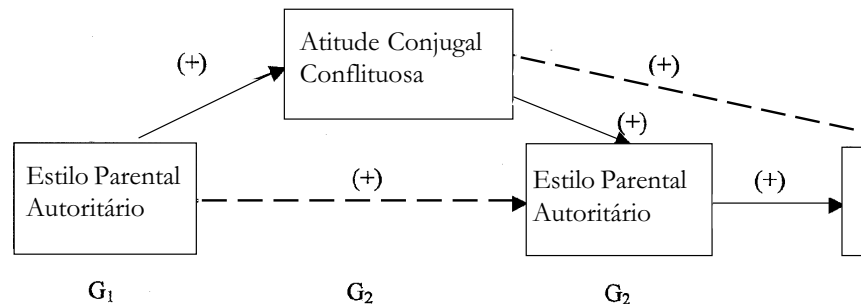
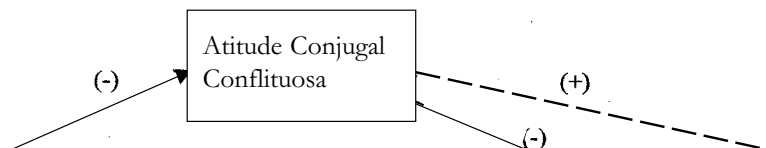


Figura 1. Modelo longitudinal mediativo de risco

Nota. G_1 , G_2 , G_3 = Gerações 1, 2 e 3. Sinais entre parênteses indicam as direções dos efeitos. Setas sólidas indicam efeitos significativos; setas pontilhadas indicam efeitos que perderam significância com a inclusão da variável mediadora no modelo.



Nota-se, em ambos os modelos, o papel mediador que a variável atitude conjugal conflituosa exerce no ciclo intergeracional dos estilos parentais. Presumivelmente, quanto mais a mãe percebe sua história de criação como tendo sido autoritária, maior a sua chance de desenvolver uma atitude conjugal conflituosa, o que por sua vez reflete num maior autoritarismo materno para com a criança pequena (Figura 1). E quanto mais acentuada a percepção de um estilo parental democrático-recíproco na família de origem, menor a chance de uma atitude conjugal conflituosa, o que, por sua vez, promove um estilo parental democrático-recíproco reincidente na família de procriação (Figura 2). Ambos os estilos parentais da mãe também assumem um papel mediador, quanto às predições longitudinais dos comportamentos de externalização e internalização a partir de atitudes conjugais conflituosas.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 25 meninos e 25 meninas de 4 e 5 anos de idade e suas respectivas mães. Na coleta inicial dos dados, a média das idades das crianças era 5 anos e 3 meses ($DP=6,83$), e a média das idades das mães era 35 anos ($DP=6,69$). A amostra proveio de uma amostra maior que vem participando de um projeto de pesquisa integrado mais amplo, e foi recrutada através dos centros de educação infantil de dois colégios particulares ($n=33$) e um colégio estadual ($n=17$), em Santa Maria, RS. Como a maioria dos participantes era de colégios particulares, o nível sócio-econômico era médio (renda familiar média entre 10 e 14 salários mínimos; tamanho médio das famílias=4). Somente uma mãe informou que seu filho recebia acompanhamento psicopedagógico, mas sem especificação dos motivos.

Medidas

de Autoritarismo são: “Quando eu estava pequena, minha mãe não permitia que eu questionasse as coisas que ela tomasse”; e “Minha mãe sempre queria que eu e meus irmãos deveríamos usar mais força para levar os filhos a fazerem como devem.” Exemplos de itens de Autoritarismo democracia são: “Minha mãe sempre encorajava a negociação quando eu sentia que certas regras ou decisões na nossa família não faziam sentido”, e “Quando eu era pequena, se minha mãe me punha em uma situação injusta que me magoasse, ela estava disposta a conversar comigo sobre aquela decisão e até a admitir que estava errada.”

Buri (1991) apresenta dados indicativos da validade de conteúdo e boa confiabilidade teste-reteste (coeficiente de correlação de duas semanas (0,86 para o estilo autoritário e 0,82 para o estilo democrático-recíproco). E Smetana (1991) usou o PAQ para prever diferentes julgamentos de uso de autoridade parental e justificativas para o controle sobre diferentes tipos de questões de adolescentes, assim reforçando a validade da escala em amostras norte-americanas.

Estilos parentais maternos. Consistentemente com a literatura, a escala quantitativa dos estilos autoritário e democrático da avó materna, a medição dessas atitudes da mãe foi feita através de subescalas do PAQ em português do Parent Attitude Research Instrument (Schaefer & Bell, 1958), envolvendo atitudes de uso de autoridade e à afetividade para o controle das propriedades psicométricas do instrumento. O instrumento tem sido amplamente utilizado em amostras norte-americanas (Edwards, 1989), e Nogueira (1988) apresentou dados de consistência interna e confiabilidade para as subescalas de uma versão canônica do instrumento para o português e usada com mães de crianças de 4 a 6 anos. Ancorada em cinco pontos (1=discordo totalmente, 5=concordo absolutamente), a versão utilizada neste estudo é uma tradução do PARI para o português da num outro estudo com amostra brasileira (Frizzo e Marin, 2000).

Atitude conjugal conflituosa. Para medir a atitude conjugal conflituosa das mães participantes, foi usada a subescala Conflito Conjugal (*Marital Conflict*) do PARI (Schaefer & Bell, 1958). Um exemplo de item dessa subescala é: “Muitas vezes a esposa precisa dar bronca no marido para garantir os seus próprios direitos.”

Comportamentos de externalização e internalização. Os comportamentos de externalização e internalização das crianças foram medidos através do Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência (Bordin, Mari & Caeiro, 1995), que é uma versão em português, validada para amostras brasileiras, do *Child Behavior Checklist* (CBCL; Achenbach, 1991). A parte do CBCL destinada a medir problemas comportamentais lista uma série de comportamentos, que são classificados pelo adulto respondente (neste estudo, a mãe) quanto à frequência em que são observados na criança, segundo uma escala de três pontos (0=ítem falso ou comportamento ausente; 2=ítem bastante verdadeiro ou comportamento frequentemente presente).

Conforme orienta o manual, foi usada a soma dos escores brutos das subescalas Comportamento Delinquente (ex.: “Mente ou engana os outros”) e Comportamento Agressivo (ex.: “Entra em muitas brigas”) para medir os comportamentos de externalização. A soma de escores nas subescalas Retraimento (ex.: “É tímido”), Queixas Somáticas (ex.: “Apresenta queixas físicas por ‘nervoso,’ sem causa médica”) e Ansiedade/Depressão (ex.: “Chora muito”) foi usada para medir os comportamentos de internalização.

Procedimento, Delineamento e Análise

As mães e crianças foram recrutadas para participar de um estudo científico sobre a “facilitação do desenvolvimento social infantil,” por meio de cartas, telefonemas e contatos pessoais de membros da equipe de pesquisa, intermediados pelas diretoras ou coordenadoras das escolas. Foram explicados os objetivos principais da pesquisa e a natureza voluntária da participação, e assegurados o sigilo da identidade e dos dados individuais.

sa, devidamente treinadas pelo pesquisador, foram cegas para os objetivos da pesquisa e para os dados coletados. Na coleta inicial, foram coletados dados demográficos, por meio de uma ficha de identificação e preencheu o PARI e o PAC. Os dados não utilizados neste estudo foram os dados de preenchimento do CBCL, além de ficha de interesse para o projeto. A coleta foi feita com esclarecimentos sobre os itens e a interpretação das escalas, conforme necessário. A duração média, cerca de 60 minutos.

Uma vez manualmente processados, os escores brutos foram lançados no computador, com o *mainframe* SAS, versão 6.03, para as análises estatísticas. Análises de confiabilidade e adequação das medidas, testaram-se para possíveis variáveis estranhas e determinaram-se os graus de liberdade.

O delineamento foi essencialmente longitudinal (Newcombe, 1992), com dados retrospectivos (transmissão intergeracional) e prospectivos (efeitos de estilo parental) e dos estilos parentais e do conflito conjugal e dos estilos parentais e do desenvolvimento social da criança pré-adolescente. As relações bivariáveis e análises de correlação foram usadas para testar as hipóteses. Nas análises de regressão múltipla, três equações foram usadas para testar os efeitos diretos e indiretos, primeiramente para o modelo de desenvolvimento (Baron & Kenny, 1986; Patterson, 1998). Para todos os testes, foi adotado um alfa de 0,05.

Resultados

Análises Preliminares

Para testar possíveis efeitos de contexto (escola particular vs. pública) sobre o desenvolvimento social, foram usados testes *t*. Na ausência de diferenças significativas, os dados foram analisados considerando apenas o contexto de escola particular.

foi um pouco mais baixo (0,41), mas, como indicam Schaeffer e Bell, magnitudes como essa são ainda satisfatórias, considerando-se que cada subescala contém apenas 5 itens. Bem menos satisfatórios, porém, foram os Alfas de Cronbach das duas subescalas do PARI usadas para medir o estilo democrático-recíproco (0,28 para Igualitarismo e 0,25 para Camaradagem).

Foram também extraídas as correlações de Pearson entre cada par de subescalas do PARI referentes aos estilos parentais das mães. Como se esperava, a correlação entre as subescalas Quebra de Vontade e Irritabilidade foi significativa, $r=0,36$; $p=0,01$. Por conseguinte, os escores brutos dessas duas subescalas foram somados e usados como uma única medida do estilo autoritário materno, nas análises subseqüentes. Já as subescalas referentes ao estilo democrático-recíproco não apresentaram entre si uma correlação significativa, contrariando expectativas

danças significativas nos resultados da análise de correlação. Assim, para manter a consistência dos dados, foram mantidos os escores originais.

Análises Principais

Os testes das hipóteses foram feitos em duas etapas. Primeiro, foi extraída uma matriz das correlações entre todas as variáveis (ver Tabela 1). Depois, para determinar mais precisamente as variáveis explicativas no contexto de cada estilo, foram usadas regressões múltiplas com as variáveis controladas (ver Tabelas 3 e 4).

Correlações. Conforme esperado, o estilo autoritário da mãe se correlacionou positivamente com os comportamentos de externalização ($r=0,36$; $p=0,01$) e com a internalização ($r=0,27$; $p=0,05$) da criança, mais tarde. As correlações entre o estilo democrático-recíproco e a internalização foram apenas marginais, $r=0,12$; $p=0,10$.

Tabela 1. Estatísticas Descritivas das Variáveis ($n=50$)

Variável	Média	<i>dp</i>	Inclinação	Curtose	Mínimo
Estilo Autoritário da Avó	36,24	10,41	-0,38	-0,82	13
EDRAM	34,40	9,88	-0,42	-0,81	13
Estilo Autoritário da Mãe	29,14	7,89	-0,05	-0,27	10
ACC ^a	17,47	3,40	-0,03	-0,35	10
Igualitarismo da Mãe ^b	19,80	3,39	-0,41	-0,11	12
Camaradagem da Mãe ^b	23,30	1,96	-1,12	0,60	18
Externalização	18,46	7,84	0,82	0,84	6
Internalização	12,86	6,44	0,59	-0,65	4

Nota. ACC = Atitude Conjugal Conflituosa da Mãe; EDRAM= Estilo Democrático-Recíproco da Avó Materna.
^a $n = 45$; ^b $n = 44$;

baseadas em análises de fatores do instrumento original (Zuckerman, Ribback, Monashkin & Norton, Jr., 1958) e da versão canadense traduzida para o português por Nogueira (1988). Uma comparação dos itens da nossa ver-

atude conjugal conflituosa da mãe previu os comportamentos de externalização ($r=0,36$; $p=0,01$) e com a internalização da criança. Atitude co- também se correlacionou positivamente

Tabela 2. Matriz das Correlações de Pearson de Ordem Zero (n=50)

Variáveis	1	2	3	4	5	6
1. EAAM	—					
2. EDRAM	-0,17	—				
3. EAM	0,43**	0,27=	—			
4. ACC ^a	0,44**	0,03	0,71***	—		
5. IM ^b	0,21	-0,04	-0,09	-0,05	—	
6. CM ^b	0,05	-0,06	-0,16	-0,11	0,07	—
7. EXT	0,20	-0,08	0,35**	0,46**	-0,19	-0,01
8. INT	0,20	-0,07	0,27*	0,18	0,14	0,00

Nota. EAAM = Estilo Autoritário da Avó Materna; EDRAM = Estilo Democrático-Recíproco da Mãe; ACC = Atitude Conjugal Conflituosa da Mãe; IM = Igualitarismo Materno; CM =

= Externalização da Criança; INT = Internalização da Criança.

^an = 45; ^bn = 44.

† p < 0,10; *p ≤ 0,05; **p ≤ 0,01; ***p < 0,001.

Tabela 3. Regressões Múltiplas: Teste da Mediação da Atitude Conjugal Intergeracionalidade do Estilo Parental Autoritário (n=44)

Variável	β	Erro Padrão	b	t
Equação 1: Atitude Conjugal Conflituosa em função do Estilo Autoritário da Mãe				
Pt. de Interseção	12,42	1,62	0,00	7,64**
EAAM	0,14	0,04	0,44	3,24*
Equação 2: Estilo Autoritário da Mãe em função do Estilo Autoritário da Avó				
Pt. de Interseção	17,17	3,58	0,00	4,80**
EAAM	0,30	0,10	0,44	3,19*
Equação 3: Estilo Autoritário da Mãe em função da Atit. Conj. Conflituosa e				
Pt. de Interseção	-0,46	4,25	0,00	-0,11
EAAM	0,11	0,08	0,15	1,28
Atit. Conj. Conflituosa		1,42	0,26	0,65

Nota. EAAM = Estilo Autoritário da Avó Materna.

*p < 0,01; **p < 0,001.

esse mesmo estilo parental para com a criança. Por outro lado, semelhantes relações intergeracionais não foram autoritário da mãe foi explicada na avó materna. $F(1, 42) = 10,42$, $p < 0,01$.

Tabela 4. Regressões Múltiplas: Teste da Mediação do Estilo Parental Autoritário da Mãe na P Externalização da Criança (n=44)

Variável	β	Erro Padrão	b	t
Equação 1: Estilo Autoritário da Mãe em função de Atitude Conjugal Conflituosa				
Pt. de Interseção	0,75	4,17	0,00	0,18
Atit. Conj. Conflituosa	1,57	0,23	0,71	6,68**
Equação 2: Externalização em função de Atitude Conjugal Conflituosa				
Pt. de Interseção	-0,99	5,79	0,00	-0,17
Atit. Conj. Conflituosa	1,11	0,33	0,46	3,42*
Equação 3: Externalização em função de Atitude Conjugal Conflituosa e EAM				
Pt. de Interseção	-1,10	5,83	0,00	-0,19
Atit. Conj. Conflituosa	0,88	0,47	0,36	1,88†
EAM	0,15	0,21	0,14	0,71

Nota. EAM = Estilo Autoritário da Mãe.

† $p < 0,07$; * $p < 0,01$; ** $p < 0,001$.

autoritário da avó materna sobre o estilo autoritário da mãe foi igualmente significativo. E, finalmente, quando incluída na terceira equação, a atitude conjugal conflituosa não apenas teve um efeito significativo sobre o estilo autoritário da mãe, mas diminuiu o efeito do estilo autoritário da avó materna a um nível desprezível, próximo de zero (compare os valores de β para o estilo autoritário da avó nas equações 2 e 3, na Tabela 3).

A Tabela 4 mostra o resumo dos resultados das regressões adotadas para testar o papel mediador do estilo parental autoritário materno na predição longitudinal dos comportamentos de externalização da criança a partir da atitude conjugal conflituosa da mãe. Por não se correlacionar significativamente com externalização (Tabela 2), a medida de autoritarismo da avó materna foi mantida fora dessas análises.

Novamente, todas as equações tiveram resultados significativos. A primeira equação explicou 51% da variância do estilo parental autoritário materno em função da atitude conjugal conflituosa, $F(1, 42) = 44,61; p < 0,001$. A segunda equação deu conta de 21% da variância de

externalização, a partir da atitude conjugal conflituosa. Se vê na Tabela 4, a atitude conjugal conflituosa foi significativa tanto sobre o estilo autoritário da mãe quanto sobre o comportamento de externalização da criança. Porém, na terceira equação, o efeito do estilo autoritário da avó materna caiu para um nível não significativo, enquanto a atitude conjugal conflituosa foi quase significativa ($p < 0,07$).

Para determinar se havia algum efeito interativo, testou-se a terceira equação com o acréscimo do termo cruzado atitude conjugal conflituosa X estilo autoritário da avó materna através do *General Linear Model* (GLM). O teste de interação não foi estatisticamente significativo. Portanto, a atitude conjugal conflituosa foi considerada como o estilo parental autoritário materno. Não foram efeitos principais significativos; $F(1, 49) = 5,34; p < 0,05$ e $F(1, 49) = 4,17; p < 0,05$. É claro, portanto, que os efeitos das variáveis independentes não se sobrepõem, como seria de se esperar a partir da correlação existente entre elas (ver Tabela 2); mas, tal como a correlação é indicativa nem de mediação nem de

Discussão

O presente estudo representa uma tentativa de avanço na literatura brasileira rumo a modelos explicativos que especifiquem processos mediativos, considerando não apenas fatores de risco, mas também de proteção. Pelo uso de amostra não-clínica, escalas quantitativas sem pontos de corte arbitrários e predição prospectiva dos critérios desenvolvimentais, buscou-se superar limitações detectadas em outras pesquisas do gênero (Kaufman & Zigler, 1989; Patterson, 1998; Rutter, 1998).

Em conjunto, os dados apontam para relações complexas entre os estilos autoritários da avó materna e da mãe, e a atitude conjugal conflituosa da mãe, como fatores de risco para comportamentos de externalização, mas não de internalização, em crianças pré-escolares. Contrário às expectativas, porém, os dados não sugerem um papel de proteção para o estilo democrático-recíproco da avó ou da mãe, com relação à atitude conjugal conflituosa da mãe ou aos comportamentos de externalização e internalização da criança.

Os resultados diferenciados para os critérios desenvolvimentais sugerem que os comportamentos de externalização e internalização seguem modelos de risco distintos, conforme também indicam outras pesquisas (ex., Caspi, Henry, McGee, Moffit & Silva, 1995; Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992). Se, por um lado, maiores índices de estilo autoritário materno são preditivos tanto de mais externalização como de mais internalização na criança, por outro lado, maiores índices de atitude conjugal conflituosa prevêm maior externalização, mas não internalização. E visto que a atitude conjugal conflituosa cresce linearmente com o estilo autoritário, torna-se difícil isolar os efeitos principais de cada um desses fatores maternos sobre a externalização infantil, num único modelo aditivo.

A implicação óbvia desse padrão de resultados é que a externalização e a internalização devem ser tratadas se-

são intergeracional é mediada pela atitude conjugal conflituosa da mãe. Ou seja, a atitude conjugal conflituosa da mãe, a partir de uma mãe autoritária, na infância, influencia a atitude conjugal conflituosa da geração seguinte *através* da atitude conjugal conflituosa.

Como sugerem Caspi e El-Sayed (1999), especializada para assumir um papel de mediadora, a mulher ocidental transfere sua atitude conjugal conflituosa *para dentro* da relação conjugal, tornando-a conjugal conflituosa, e a atitude conjugal conflituosa, ela mesma, influencia a atitude intergeracional, com maior intensidade. As variáveis de controle arbitrário dos resultados não invalida, que os resultados não sugerem um papel intergeracional de autoritarismo materno na atitude conjugal conflituosa, foram apenas limitações metodológicas.

Mas, por que apenas o modelo autoritário intergeracional foi significativo nos dados, enquanto o modelo democrático-recíproco, o estilo democrático-recíproco, não foi significativo? Por que as análises bivariáveis? Poderiam ter ocasionado essa conclusão as mesmas considerações teóricas também?

Uma provável explicação é a baixa consistência interna dos dados significativos para o modelo autoritário. A presença de erro na medição da atitude democrático-recíproco, especialmente o erro de medição é particularmente preocupante se trabalha com instrumentos de medição. No presente estudo. Pois, não há evidência de que a externalização e internalização são supostamente validado para uso em amostras de Caspi & Caciro, 1995), satisfazem a exigência de validade (e.g., amostra normal e representativa da população). Ao contrário das medidas envolvidas no estilo autoritário, os resultados apresentados na baixa consistência interna dos dados significativos das atitudes de internalização e externalização.

têm alfas e *kappas* mais elevados... Os comportamentos positivos podem conter mais informação e ser mais complexos do que os negativos” (pp. 496-497).

É também possível que nossos modelos explicativos, por se basearem numa única fonte de informação, estejam apresentando um quadro de intergeracionalidade e previsão ontogenética tendencioso. Mas, como bem indica Rutter (1998), ainda não se sabe até que ponto a continuidade e a descontinuidade intergeracionais são fenômenos objetivos ou restritos à experiência subjetiva. Isso pode depender do construto em questão. E, como argumentam Achenbach, McConaughy e Howell (1987), os relatos maternos sobre comportamentos da criança podem ser tão válidos quanto os relatos da professora ou de outro observador, apesar das intercorrelações baixas entre eles, pois cada informante se relaciona com a criança de modo diferente e num contexto diferente. Só através da análise de equação estrutural, empregando modelos latentes com múltiplos informantes e tipos de medição, poderíamos obter um quadro mais próximo da “realidade objetiva.” Por enquanto, contentamo-nos em apresentar dados que refletem a experiência subjetiva da mãe, a qual é tão relevante para a ciência quanto para a prevenção psicológica.

Limitações metodológicas à parte, a obtenção de dados significativos apenas para o modelo de risco também pode estar refletindo uma certa assimetria na ordem natural do universo em que vivemos. Pois, há evidências mais fortes de descontinuidade do que de continuidade entre gerações, na literatura (Rutter, 1998). E os dados indicativos de continuidade, quando encontrados, tendem a ser bem mais brandos em amostras comunitárias do que em amostras clínicas ou de alto risco (Belsky e cols., 1990; Kaufman & Zigler, 1989).

Este estudo revela que, intergeracional e ontogeneticamente, “problemas geram problemas” (Caspi & Elder, Jr., 1988; p. 218). Mas, seria surpreendente descobrir que o mesmo não se aplica às experiências mais po-

Referências

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 profile*. Burlington, VT Department of Psychiatry, University of Vermont.
- Achenbach, T. M., McConaughy, S. H. & Howell, C. (1987). Child and adolescent behavioral and emotional problems: I. A comparison of informant correlations for situational specificity. *Journal of Abnormal Psychology*, 96, 213-232.
- Alvarenga, P. (2000). *Práticas educativas maternas e problemas de comportamento na infância*. Dissertação de mestrado não-publada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Baldwin, A. L. (1949). The effect of home environment on school behavior. *Child Development*, 20, 49-62.
- Barth, J. M. & Parke, R. D. (1993). Parent-child relationships during children's transition to school. *Merrill-Palmer Quarterly*, 39, 1-15.
- Baumrid, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Psychology Monograph*, 4, 1-32.
- Baumrind, D. (1972). An exploratory study of the family environment of black children: Some black-white comparisons. *Child Development*, 43, 261-267.
- Bear, G. G., Telzrow, C. F. & Oliveira, E. A. de (1995). *Problemas de comportamento*. Em G. G. Bear, K. M. Minke & A. Thelen (Eds.), *Problemas de comportamento: Diagnóstico e tratamento* (pp. 1-15). São Paulo: National Association of School Psychologists.
- Belsky, J., Youngblade, L. & Pensky, E. (1990). Child development, quality, and maternal affect: Intergenerational transmission in a high-risk sample. *Development and Psychopathology*, 1, 25-35.
- Bordin, I. A. S., Mari, J. J. & Caeiro, M. F. (1995). Validação da “Child Behavior Checklist” (CEB) para a avaliação dos comportamentos da Infância e Adolescência. *Revista ABP-APAL*, 17, 55-66.
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57, 110-119.
- Caspi, A. & Elder, Jr., G. H. (1988). Emergent family structure and the intergenerational construction of problem behavior. Em R. A. Hinde & J. S. Hinde (Eds.), *Relationships in families* (pp. 218-240). Oxford: Oxford University.
- Caspi, A., Henry, B., McGee, R. O., Moffitt, T. E. & Silva, P. (1996). Environmental origins of child and adolescent antisocial behavior: From age three to age fifteen. *Child Development*, 67, 1273-1290.
- Chen, X., Hastings, P. D., Rubin, K. H., Chen, H., & Mills, M. (1998). Child-rearing attitudes and behavioral

- Kaufman, J. & Ziegler, E. (1989). The intergenerational transmission of child abuse. Em D. Cicchetti (Org.), *Child Maltreatment* (pp. 129-150), New York: Cambridge University.
- Keith, P. B. & Christensen, S. L. (1997). Parenting styles. Em G. G. Bear, K. M. Minke & A. Thomas (Orgs.), *Children's needs II: Development, problems and alternatives* (pp. 559-566). Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.
- Kopp, C. B. (1987). The growth of self-regulation: Caregivers and children. Em N. Eisenberg (Org.), *Contemporary topics in developmental psychology* (pp. 34-52), New York: Willey.
- Lewin, K., Lippitt, R. & White, R. K. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created "social climates." *Journal of Social Psychology*, 10, 271-299.
- Lundberg, M., Perris, C., Schlette, P. & Adolfsson, R. (2000). Intergenerational transmission of perceived parenting. *Personality and Individual Differences*, 28, 865-877.
- Maccoby, E. E. (1994). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. Em R. D. Parke, P. A. Ornstein, J. J. Rieser & C. Z. Waxler, (Orgs.), *A century of developmental psychology* (pp. 589-615). Washington, D. C.: American Psychological Association.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E. M. Hetherington (Org.), *Mussen manual of child psychology* (Vol. 4, 4th ed., pp. 1-102). New York: Wiley.
- Maggi, A. & Piccinini, C. A. (1998). Interação mãe-criança envolvendo crianças que apresentam problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 259-265.
- Muller, R. T., Hunter, J. E. & Stollak, G. (1995). The intergenerational transmission of corporal punishment: A comparison of social learning and temperament models. *Child Abuse & Neglect*, 19, 1323-1335.
- Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J. & Huston, A. C. (1995). *Desenvolvimento e personalidade da criança* (M. L. G. L. Rosa, Trad.). São Paulo: Harbra. (Original publicado em 1990).
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen* (C. Buchweitz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1996).
- Nogueira, Y. (1988). Atitudes maternas: Estudo do PARI (Parental Attitude Research Instrument) em amostra brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 40, 48-62.
- Oliveira, E. A. de (1998). Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14, 19-26.
- Oliveira, E. A. de (2000a). Autoritarismo materno, resistência à frustração e comportamentos de externalização da criança [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (Org.), *Anais do III Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento* (p. 68). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense.
- Oliveira, E. A. de (2000b, Março). *Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento* Seminário apresentado no Curso do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, E. A. de, Frizzo, G. B. & Marinho, M. A. P. (2000). Diferenças individuais e diferenciais para com meninos e meninas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 363-371.
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P. & Gomes, M. A. P. (2000). O desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais. *Teoria e Pesquisa*, 15, 117-126.
- Patterson, G. R. (1998). Continuities – Comment on the special section. *Developmental Psychology*, 34, 1268.
- Rutter, M. (1998). Some research on continuities and discontinuities: *Developmental Psychology*, 34, 1269-1278.
- Schaefer, E. S. & Bell, R. Q. (1958). D. Schaefer's research instrument. *Child Development*, 29, 1-10.
- Seligman, M. E. P. & Csikszentmihalyi, M. (1989). Introduction. *American Psychologist*, 44, 1-10.
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, P. D. & Martin, J. A. (1986). Intergenerational transmission of harsh discipline. *Child Development*, 57, 159-171.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and discipline during adolescence. *Child Development*, 66, 1036-1045.
- Weiss, B., Dodge, K. A., Bates, J. E. & Pettit, G. S. (1992). The information processing style of early harsh discipline: Child aggression and information processing style. *Child Development*, 63, 1036-1045.
- Whitbeck, L. B., Hoyt, D. R., Simons, R. L., Conger, P. D. & Lorenz, F. O. (1992). Intergenerational transmission of harsh discipline and depressed affect. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60, 1036-1045.
- Zuckerman, M., Ribback, B. B., Monash, K. L. & Conger, P. D. (1986). A discriminative data and factor analysis of the Parenting Styles and Discipline instrument. *Journal of Consulting Psychology*, 54, 1036-1045.